

Transexual se diz

“A Justiça não tem que enfiar o nariz onde não é chamada. Ninguém tem nada a ver com isso”, afirmou ontem Walerie da Silva, ou Valério José da Silva como consta em sua certidão de nascimento, sobre a cirurgia a que foi submetida no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) para trocar de sexo. Walerie exigiu que não fosse nem filmada, nem fotografada. “Estou muito feliz. Se tivesse que fazer de novo, eu faria”, assegurou ela, que se considera um caso de pseudohermafroditismo.

Com cabelos castanhos e cacheados na altura do ombro, 1,75 metros de altura e 65 quilos, Walerie disse que não agüentava mais conviver com o preconceito das pessoas. “Nunca gostei dessa palhaçada de trejeitos e gestos. Por respeito à minha mãe, nunca usei vestido, mas só roupa unissex”, explicou ela. “Também nunca tive uma vida promíscua. Já tive namorados, mas atualmente estou sem ninguém”.

Nenhuma dor — Há um ano Walerie se consultou com o médico Antônio Lino de Araújo, que a operou no dia 25 de maio. “Ele foi muito profissional e entendeu o meu desespero”, disse a paciente. “Eu pedi desculpas a ele, pois não era minha intenção prejudicá-lo”. Walerie garantiu que não sentiu nenhuma dor após a cirurgia e nem precisou da ajuda de psicólogos para decidir operar. “Os psicólogos acham isso é doença e queriam tirar a idéia da minha cabeça. Mas Deus

me livre gostar de mulher”, afirmou ela. Em maio de 1994, segundo Walerie, o Conselho Regional de Medicina concedeu um parecer favorável à cirurgia. “No documento consta que o médico não cometeria infração médica realizando a operação”, explicou Walerie.

Com o segundo grau completo e morando com a mãe e quatro irmãos na Ceilândia, Walerie disse que a família sempre a apoiou. “Ela lutou muito tempo por isso e a gente merecia esta vitória. Todos que têm este problema devem lutar até o fim”, disse a mãe Rosa Maria da Silva, que ficou o tempo todo ao lado da filha, durante a entrevista. “Eu tinha três filhas, mas agora tenho realmente quatro”, explicou Rosa Maria, que teve certeza da opção do filho em ser mulher, quando ele tinha 13 anos. “Ela não gostava de usar cuecas e escondia calcinhas debaixo da cama”, contou Rosa Maria.

Filhos — Walerie disse que vai continuar trabalhando como auxiliar de cozinha do Hospital Universitário de Brasília (HUB). “Marido eu não sei se quero, mas com certeza vou querer adotar filhos”, informou Walerie. O médico Antônio Lino esteve ontem visitando a paciente. “Minha defesa será com o advogado e acabou”, disse o médico bastante irritado. Depois de deixar o hospital, hoje, Walerie deverá prestar depoimento, na 2ª DP (Asa Norte). Ela vai ser ouvida pelo delegado Pedro Túlio Coelho.

Delegado ouve paciente no HRAN

O transexual Valério José da Silva, que quer ser chamado de Walerie, prestou ontem depoimento ao delegado Pedro Júlio Coelho, da 2ª DP, numa sala do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), onde está internado desde o dia 25 de maio. Ele contou que decidiu fazer a cirurgia para mudar de sexo porque tinha o pênis atrofiado desde criança e que na adolescência passou a se comportar como mulher. Valério garantiu ao delegado que não é hermafrodita e disse que não pagou nenhum centavo pela

operação.

Acompanhado pela mãe Rosa Maria Silva, Valério negou que seja homossexual e disse que, o médico Antonio Lino tem um bom coração por ter lhe ajudado a resolver seu problema. Rosa Maria também prestou depoimento ao delegado Pedro Coelho, dizendo que sempre deu total apoio ao filho. Valério está de licença médica no Hospital Universitário, onde trabalha como cozinheiro e não disse quando terá alta. Antonio Lino será interrogado também pela polícia.

satisfeito com cirurgia